



ÍNDICE

- Autores
- Índice de palavras-chaves
- Índice geográfico

NÚMEROS EM TEXTO INTEGRAL

- 2023 58 | 59 | 60 | 61
- 2022 54 | 55 | 56 | 57
- 2021 49 | 50 | 51 | 52 | 53
- 2020 44 | 45 | 46 | 47 | 48
- 2019 39 | 40 | 41 | 501 | 42 | 43
- 2018 34 | 35 | 36 | 37 | 38
- 2017 30 | 31 | 32 | 33
- 2016 26 | 27 | 28 | 29
- 2015 22 | 24 | 25
- 2014 20 | 21 | 22
- 2013 17 | 18 | 19
- 2012 14 | 15 | 16
- 2011 11 | 12 | 13
- 2010 8 | 9 | 10
- 2009 5 | 6 | 7
- 2008 2 | 3 | 4
- 2007 1

TODOS OS NÚMEROS →

A REVISTA CONFINS

- Sobre
- Comitês
- Normas para publicação

SUPLEMENTOS

- Traduções

INFORMAÇÕES

- Contatos
- Informações legais e Créditos
- Publishing policies

SIGA-NOS

- Feed RSS

NEWSLETTER INFORMATIVA

- Newsletter da OpenEdition

ACESSO PARA MEMBROS

Journal supported by the Institut des sciences humaines et sociales (ISHS) of the CNRS, 2023-2024

Traduções

As viagens de Elizabeth II, visitas muito seletivas em um império em declínio

Les voyages d'Elizabeth II, des visites très sélectives dans un empire déclinant
Elizabeth II's travels, very selective visits in a declining empire

Claire Weishar, Marie-Françoise Fleury e Fulano de Thal

Editado por **Patrícia Reuillard**
 Tradução de Elisa Spellet

<https://doi.org/10.4000/confins.55810>

Este artigo é uma tradução de:
 Les voyages d'Elizabeth II, des visites très sélectives dans un empire déclinant (fr)

Resumo | Índice | Mapa | Texto | Notas | Ilustrações | Citação | Autores

Resumos

FRANCAIS | **ENGLISH**

L'article met en perspective les voyages d'Elizabeth II dans un monde où l'influence britannique décline. La tendance est claire : en dehors des voyages dans les pays européens (notamment en France et en Allemagne), les plus nombreux ont été faits dans les pays dont la reine a été la souveraine jusqu'au bout, notamment le Canada (22 voyages) et l'Australie (15 voyages) et les îles des Caraïbes et du Pacifique restées sous souveraineté britannique. Puis, par ordre décroissant, dans les pays du Commonwealth, avec une préférence pour ceux dont elle était restée la souveraine.

Entradas no índice

Índice de mots-clés: Elizabeth II, voyages, Empire, Commonwealth, déclin
Index by keywords: Elizabeth II, travel, Empire, Commonwealth, decline

Índice geográfico: Commonwealth

Índice de palavras-chaves: O artigo coloca as viagens de Elizabeth II em perspectiva, em um mundo de influência britânica em declínio. A tendência é clara: além das viagens aos países europeus (notadamente França e Alemanha), a maioria das viagens foi feita a países onde a Rainha era soberana até o fim, notadamente Canadá (22 viagens) e Austrália (15 viagens) e as ilhas do Caribe e do Pacífico, que permaneceram sob a soberania britânica. Em seguida, por ordem decrescente, aos países da Commonwealth, com preferência para aqueles onde ela permaneceu soberana.

Mapa

A rainha como testemunha do declínio do império
Elizabeth II, elo essencial da influência britânica

Texto integral

1 Quando Elizabeth II é coroada em 2 de junho de 1953, o Império Britânico está em um momento decisivo de sua história. Ela se vê à frente de um legado histórico de grandezas impressionantes: um império flamejante sobre o qual se dizia que o sol nunca se põe. Na cerimônia de coroação, ela é coroada *rainha* "pela graça de Deus" e, a partir de então, governa não apenas o Reino Unido da Grã-Bretanha e a Irlanda do Norte, mas também seus outros reinos e territórios, com os quais se compromete a governar de acordo com suas respectivas leis e costumes. Mais especificamente, ela assume o controle da crescente *Commonwealth of Nations*, uma das 145 e mais antigas associações políticas de estados do mundo, criada em 1949, e que inclui Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda e a África do Sul, além de Paquistão, Índia e Sri Lanka.

2 O espetáculo simbólico vestido que usou quando da coroação foi uma obra-prima repleta de emblemas florais: a *Gold Coast* (Costa do Ouro) se tornou Gana (1957), que permaneceu sob dependência britânica graças à *Commonwealth*; a Nigéria conquistou a independência em 1960 e Serra Leoa, em 1961. Por fim, todas as colônias britânicas na África se tornaram independentes antes de 1968, à exceção da Rodésia, mergulhada em disputas internas e não reconhecida pelo Reino Unido, até que finalmente se tornou a República do Zimbábue, em 1980. Contudo, essa anomalia rodésiana era mais um indicio do enfraquecimento britânico, pois o Reino Unido não conseguiu resolver essa crise política. Foi ainda pior: ele permitiu que o governo local proclamasse simbolicamente Elizabeth II Rainha da Rodésia contra a sua vontade.

3 Dessa forma, a Rainha Elizabeth II era a flor de lotus da influência britânica, que se estende pelos cinco continentes, e a herdeira opulenta de uma Grã-Bretanha que ainda se vê como uma potência mundial hegemônica. No entanto, o país e a *Commonwealth*, louvados pelo Arcebispo de Canterbury no dia da coroação, tendo ele dito que país e instituição não estão muito longe do reino dos céus, já vinham sentindo os golpes de uma decadência prevista havia vários anos.

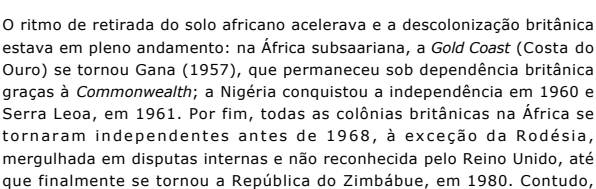
A rainha como testemunha do declínio do império

4 Embora a Grã-Bretanha tenha saído vitoriosa da Segunda Guerra Mundial, a desintegração de seu império já estava bastante encaminhada: ela perdia sua peça central, sua joia indiana, em 1947, quando a Índia conquistou sua independência.

5 Enquanto seu pai ainda era "Imperador das Índias", a Rainha Elizabeth era apenas a "chefe da *Commonwealth*", maneira hábil de garantir a fidelidade dos estados recém-independentes histórica e economicamente ligados a Londres, como a Índia, o Paquistão (República em 1956) e a África do Sul (1961). Entretanto, apesar do jogo semântico, não deixa de ser verdade que a Rainha foi uma testemunha impotente do início do declínio inglês.

6 O império ainda era efetivamente o mais poderoso do mundo, mas estava sendo notado pelos ventos ventos das mudanças, que surgiram com intensidade cada vez maior nas colônias africanas. Esse *wind of change* é ratificado pelo discurso profético de um dos muitos primeiros-ministros do reinado, Harold Macmillan, perante o Parlamento da África do Sul, em 3 de fevereiro de 1960.

Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo em Brisbane



Aumentar | **Original** (pág. 384) | <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:StateLibQld>. This image is of Australian origin and is now in the public domain because its term of copyright has expired.

7 O ritmo de retirada do solo africano acelerava e a descolonização britânica estava em plena andamento: na África subsaariana, a *Gold Coast* (Costa do Ouro) se tornou Gana (1957), que permaneceu sob dependência britânica graças à *Commonwealth*; a Nigéria conquistou a independência em 1960 e Serra Leoa, em 1961. Por fim, todas as colônias britânicas na África se tornaram independentes antes de 1968, à exceção da Rodésia, mergulhada em disputas internas e não reconhecida pelo Reino Unido, até que finalmente se tornou a República do Zimbábue, em 1980. Contudo, essa anomalia rodésiana era mais um indicio do enfraquecimento britânico, pois o Reino Unido não conseguiu resolver essa crise política. Foi ainda pior: ele permitiu que o governo local proclamasse simbolicamente Elizabeth II Rainha da Rodésia contra a sua vontade.

8 Essa demonstração de fraqueza britânica pôde ser vista em escala global a partir do espetacular encolhimento do império, que logo se concentrou em um punhado de pequenos territórios.

9 No Oriente Médio, a crise de Suez de 1956 feriu irremediavelmente o poder britânico, agora sob tutela norte-americana. No Mediterrâneo, Chipre e Malta conquistaram a independência em 1960 e 1964, respectivamente. Por fim, os territórios britânicos de Barbados e Guiana, em 1966. No Pacífico, Fiji, 1970, e Vanuatu, 1980, também conquistaram a independência progressivamente entre as décadas de 1960 e 1980.

10 Assim, a década de 1980 marcou o fim do processo de descolonização e sinalizou o fim do Império Britânico. O Canadá, a Nova Zelândia e a Austrália, juntos, romperam os últimos vínculos constitucionais com o Reino Unido. Enfim, o último episódio do declínio imperial conta a história da transferência de soberania de Hong Kong, território britânico ultramarino mais populoso, à China, em 1997, após 155 anos de presença colonial. "Assim termina um império", comentou lucidamente o príncipe Charles, quando ainda era herdeiro do trono, em 1º de julho de 1997.

11 Entretanto, a Coroa mantém certa autoridade sobre seus territórios ultramarinos, alguns dos quais são desabitados e não fazem parte de nenhuma comunidade científica, outros são parcialmente autônomos ou disputados por outros países, como Ilhas Malvinas (peças Espanha) ou as Ilhas Malvinas (peças Argentina). A maioria das ex-colônias se filia à *Commonwealth*, que se tornaria um elo essencial para manter a influência britânica, liderada pela Rainha Elizabeth II. Com efeito, a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) do Reino Unido é a oitava maior do mundo: compreende a ZEE que circunda o próprio Reino Unido, as Dependências da Coroa e os Territórios Britânicos Ultramarinos.

Elizabeth II, elo essencial da influência britânica

12 Embora a Rainha tenha assistido silenciosamente ao desmoronamento do castelo de cartas colonial, ela se tornou o pilar fundamental sobre o qual toda a fortaleza monárquica se apoiou.

13 De fato, Elizabeth II goza de grande popularidade não apenas na Grã-Bretanha e nos países da *Commonwealth*, mas em todo o mundo. Ela continua a aumentar seu sucesso em suas inúmeras viagens ao redor do globo, visitando cerca de 100 países. De tal modo, ela se torna a chefe de estado que mais viajou da história, completando o equivalente a 42 voltas ao mundo e fazendo nada menos que 170 visitas a estados da *Commonwealth* e quase cem àqueles fora da influência britânica.

14 No entanto, por trás do cerimonial santuoso dessas turnês se escondia uma ambiguidade profundamente calculada: perder o prestígio da família real e consolidar a dominação britânica. Dessa maneira, a Rainha se torna gradualmente a personificação viva do império britânico, que estava em declínio.

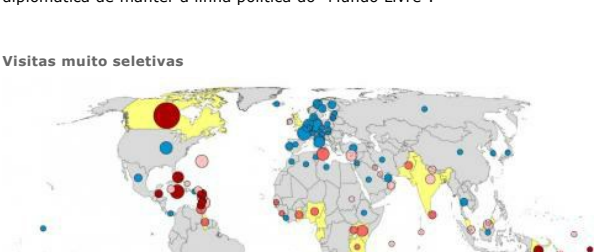
15 Inicialmente, a *Commonwealth* é compreendida como uma oportunidade de prolongar o legado imperial nas antigas colônias, e Elizabeth II é a ponta de lança dessa organização em transformação. Implicitamente, ela é encarregada de promover-la, suscitar e incentivar a filiação e o desenvolvimento de relações econômicas, diplomáticas e culturais com os seus estados-membros. O simbolismo é forte: ela se torna uma espécie de cordão umbilical que a conecta presumidamente a cada membro dessa mesma "família", nas palavras da Rainha.

16 Além disso, esse papel eminentemente importante de Elizabeth II à frente de uma *Commonwealth* particularmente heterogênea e dinâmica é justificado por dois motivos: ele atua como um marcador de estabilidade e unidade, assim como um elemento de continuidade em uma época de profundas rupturas.

17 Um dos exemplos mais reveladores disso é, sem dúvida, sua visita oficial à República da Irlanda em 2011, que ressoa como um marco histórico. A Rainha, começada por sua sutileza e lendária diplomacia, faz a hábil escolha de conectar seu discurso em irlandês e clama por indulgência e conciliação.

18 Sendo assim, as visitas reais são incontestáveis armas diplomáticas para a monarquia britânica, sendo a Rainha um meio de legitimar o *soft power* britânico. Em silêncio, ela escolhe visitar regularmente certos países, como a França – que visita cinco vezes por motivos oficiais e cuja língua domina perfeitamente. A Rainha também opta por fazer a primeira viagem da família britânica à China, mas ignora substancialmente outros países, como a Grécia e o Reino Unido em 1982. A ditadura argentina queria impor seus pontos de vista soberanistas nestes arquipélagos, mas os britânicos decidiram o contrário, o que resultou em uma guerra, seguida por um cessar-fogo, mas com relações diplomáticas tempestuosas.

Visitas muito seletivas



Aumentar | **Original** (pág. 164) |

19 Mais precisamente, o primeiro mapa nos permite ver uma recorrência de visitas reais aos antigos domínios britânicos: o Canadá, que ela visita cerca de vinte vezes, ou a Austrália e a Nova Zelândia, que juntas são visitadas cerca de vinte vezes. Dessa forma, ele mostra uma tendência a visitar visitas reais aos "reinos da *Commonwealth*", ou seja, estados soberanos que são membros da organização e compartilham a Rainha Elizabeth como monarca e chefe de estado, a exemplo das ilhas caribenhas da Jamaica (6), Bahamas (4), ou Antígua e Barbuda (3). Ela também visita os Territórios Britânicos Ultramarinos fora das Ilhas Britânicas, como as Ilhas Cayman e as Ilhas Virgens Britânicas (duas visitas).

20 Não é de se surpreender que ela tenha percorrido quase todos os estados da *Commonwealth*, com exceção de Ruanda, ex-protetorado belga que entra tardiamente para a organização, em 2009, Togo e Camarões, protetorados alemães até a Primeira Guerra Mundial, e Gabão, membros desde 2022 e ex-colônia francesa.

21 De fato, é preciso lembrar que a presença colonial britânica na África remonta à Colônia do Cabo, estabelecida em 1795. Em seguida, a "corrida africana" começa no final do século XIX, especialmente contra o vizinho francês. Finalmente, as potências francesa e britânica dividem o bolo africano estabelecendo dois blocos distintos e quase contínuos, deixando apenas migalhas territoriais dispersas para outras potências europeias, como Portugal, Espanha e Bélgica, ou ainda Itália e Alemanha. Dessa modo, o Império Britânico, em seu apogeu, estende-se quase ininterruptamente do Egito à África do Sul, sem mencionar suas colônias na América Ocidental, na atual Gâmbia, em Serra Leoa, Gana e Nigéria.

22 Desde então, mesmo que esse conjunto de territórios imensos tenha passado pelo processo de descolonização, a Coroa mantém uma influência indiscutível nestes, principalmente através da *Commonwealth*, instrumento essencial para a criação e a manutenção da influência britânica. Isso explica por que Elizabeth II cultivou, em tais territórios, relações estreitas por meio de inúmeras visitas reais.

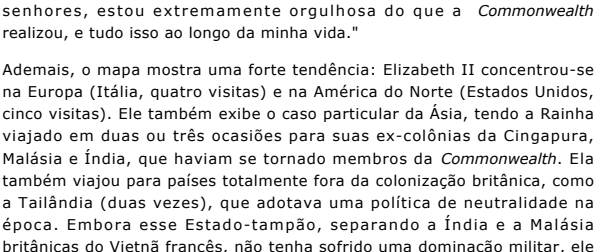
23 Dessa forma, a Rainha honrou a promessa feita aos milhões de habitantes durante sua primeira viagem à África do Sul, em 1947, de dedicar sua vida inteira a eles e a serviço da *Commonwealth* imperial, chegando até mesmo a dizer durante sua última visita, em 2015, em Malta: "Senhoras e senhores, estou extremamente orgulhosa de que a *Commonwealth* realizou, e tudo isso ao longo da minha vida."

24 Ademais, o mapa mostra uma forte tendência: Elizabeth II concentrou-se na Europa (Itália, quatro visitas) e na América do Norte (Estados Unidos, cinco visitas). Ele também exibe o caso particular da Ásia (tendo a Rainha viajado em duas ou três ocasiões para suas ex-colônias da Cingapura, Malásia e Índia, que também se tornaram membros da *Commonwealth*). Ela também viajou para países totalmente fora da colonização britânica, como a Tailândia (duas vezes), que adotava uma política de neutralidade na época. Embora esse Estado-tampão, separando a Índia e a Malásia britânicas do Vietnã francês, não tenha sofrido uma dominação militar, ele certamente enfrentou uma forte dominação econômica por parte do Reino Unido, o que levou alguns autores a descreverem uma relação semi-colonialista¹.

¹ JACKSON, Peter A. 2007. *Autonomy and subordination in Thai history: the case for semicolonial analy...*

25 De fato, o Império Britânico mantinha uma relação de livre comércio com o então Reino de Sião, o que lhe permitia conseguir tarifas aduaneiras preferenciais sobre produtos como o arroz. Assim, os britânicos realizavam o que poderia ser uma forma de colonização após a visita do príncipe, tendo dominado o momento para garantir as cobiciadas vantagens econômicas no contexto de rivalidades com a França.

Visitas reais em um império em declínio



Aumentar | **Original** (pág. 176) |

26 O segundo mapa, cujo plano de fundo se encontra em anamorfos de acordo com a população dos países, mostra que alguns países muito populosos não tiveram a honra de receber visitas reais, notadamente a China, enquanto outros, muito menos populosos, receberam diversas visitas. Isso comprova que os critérios para a escolha dos países que eram visitados eram principalmente políticos.

27 É por isso que essa geografia das visitas reais revela lacunas notáveis em quase toda a Ásia Central, a exemplo do Cazaquistão, embora deva ser observado que a Rainha convidou seu presidente, Nursultan Nazarbayev, para o Palácio de Buckingham em 2015, quando este acabara de fechar acordos econômicos lucrativos com o ex-primeiro-ministro David Cameron. Tal episódio nos permite matizar as aparentes lacunas no mapa. Entretanto, a Rainha também viajou muito pouco pela América do Sul, o que sem dúvida pode se explicar pela presença de reclusos comunistas que estavam há muito tempo à mercê de ditaduras militares, para além de outros regimes populistas instalados a partir da década de 1930, como no Peru, Bolívia, Paraguai e Uruguai, todos cuidadosamente evitados por Elizabeth II. Desde então, a América Latina viu uma "onda vermelha" no início dos anos 2000 e, mais recentemente, uma mudança política para a direita em direção a regimes mais conservadores. Uma mudança de cenário político que necessariamente redistribui as cartas da diplomacia britânica. Todavia, mais uma vez, devemos nuanciar essa baixa propensão de visitas reais à América Latina lembrando que a Rainha não pode tudo e que ela estende sua tênue influência por meio de uma família, que Elizabeth II nunca foi à Argentina, consequência da Guerra das Malvinas entre a Argentina e o Reino Unido em 1982. A ditadura argentina queria impor seus pontos de vista soberanistas nestes arquipélagos, mas os britânicos decidiram o contrário, o que resultou em uma guerra, seguida por um cessar-fogo, mas com relações diplomáticas tempestuosas.

28 No entanto, a Rainha Elizabeth pôde contar com seu filho, o Príncipe Andrew, como "representante especial do Reino Unido para comércio e investimento internacional" para aquecer as relações entre os dois países. Com efeito, ele mesmo, um ex-combatente nesse conflito, foi a Argentina em 1995 para se encontrar com o chefe de Estado Carlos Menem e realizou um golpe diplomático brilhante ao observar, para surpresa geral, um minuto de silêncio em memória dos 323 soldados mortos no afundamento do "Belgrano", um cruzador argentino. Assim, esse embaixador da Rainha conquistou o apoio dos líderes políticos, bem como da opinião pública. Esse início de reconciliação se tornaria ainda mais concreto alguns meses depois, quando os ministros das Relações Exteriores dos dois países assinaram acordos sobre a exploração de petróleo *offshore* nas Ilhas Malvinas.

29 No entanto, se voltarmos ao mapa, a ausência da Rainha Elizabeth II também se reflete na mão-reia dos países africanos que não foram dominados pela Grã-Bretanha, como é o caso do Sahel, historicamente dominado pelo poder colonial francês. Além disso, é importante notar que alguns países do Magrebe receberam a Rainha, mas não lhe deixaram uma lembrança memorável, como foi o caso do Marrocos em 1980. Ao organizar uma estadia tumultuada e inofensiva do protocolo, ele foi apenada pela imprensa de "a turnê do inverno".

30 Por vezes, alguns países chegam a denunciar um "bolote oficialismo" por parte da Rainha Elizabeth II, como Israel, que já criticava "essa mesquinha dívida britânica" na década de 1980, vista como uma conjunção injusta de sua independência. Essa ausência é ainda mais notável e marcante quando consideramos que a Rainha visitou países árabes vizinhos, como a Jordânia, em 1984. Essa falta no tour mundial de Elizabeth pode ser explicada pela vontade real de garantir de forma duradoura as relações econômicas com os ricos países do Golfo. No entanto, as relações com Israel parecem estar se aquecendo após a visita do príncipe a Jerusalém, marcando a primeira visita oficial da família real em 2018.

31 Como resultado, e à luz desses muitos exemplos esclarecedores, a Coroa e a Rainha em particular, servem, antes de mais nada, como uma impressionante vitrine ideológica que está em constante movimento em todo o mundo. Dessa forma, essas visitas reais ajudam a exaltar os valores britânicos e a criar os vínculos iniciais que são essenciais para qualquer acordo econômico subsequente.

Notas

1 JACKSON, Peter A. 2007. *Autonomy and subordination in Thai history: the case for semicolonial analy...* Inter-Asia Cultural Studies

Índice das ilustrações

Título Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo em Brisbane
Legenda A Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo desfilam pela Queen Street, em Brisbane, no último dia de sua turnê em Queensland, em 1954.
Créditos <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:StateLibQld>. This image is of Australian origin and is now in the public domain because its term of copyright has expired.
URL <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/55810/img-1.jpg>
Ficheiro image/jpeg, 38k

Título Visitas muito seletivas
URL <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/55810/img-2.jpg>
Ficheiro image/jpeg, 16k

Título Visitas reais em um império em declínio
URL <http://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/55810/img-3.jpg>
Ficheiro image/jpeg, 17k

Para citar este artigo

Referência eletrônica
 Claire Weishar, Marie-Françoise Fleury e Fulano de Thal, "As viagens de Elizabeth II, visitas muito seletivas em um império em declínio", *Confins* (Online), Traduções, posto online no dia 19 fevereiro 2024, consultado o 20 fevereiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/confins/55810>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.55810>

Autores

Claire Weishar
 Professora au lycée François Arago de Villeneuve-St-Georges, weisharclaire@gmail.com

Artigos do mesmo autor

Solstício de dezembro [Texto integral]
 Solstice de décembre
 December solstice
 Publicado em *Confins*, Traduções

Solstício de Junho em França, na Índia e no Brasil [Texto integral]
 Solstice de juin en France, en Inde et au Brésil
 June Solstice in France, India and Brazil
 Publicado em *Confins*, Traduções

Novas imagens do Amapá [Texto integral]
 Nouvelles images de l'Amazépie
 New images of Amapá
 Publicado em *Confins*, 58 | 2023

Solstício de dezembro [Texto integral]
 Solstice de dezembro [Tradução | pt]

Imagens da "maior final da história" [Texto integral]
 Images de « la plus grande finale de l'histoire »
 Images from "the greatest final in history"
 Publicado em *Confins*, 57 | 2022

Equinóxe de setembro [Texto integral]
 Equinoce de setembro
 September equinox
 Publicado em *Confins*, 56 | 2022

Todos os textos...

Marie-Françoise Fleury
 Université de Lorraine Metz, mf.fleury@orange.fr

Artigos do mesmo autor

Imagens da "maior final da história" [Texto integral]
 Images de « la plus grande finale de l'histoire »
 Images from "the greatest final in history"
 Publicado em *Confins*, 57 | 2022

O Banco Monopoly, um jogo geográfico [Texto integral]
 Le Monopoly, un jeu géographique
 Publicado em *Confins*, 51 | 2009

Fulano de Thal

Geógrafo, fdethal51@gmail.com

Artigos do mesmo autor

Dinâmica da vacinação contra a Covid-19 [Texto integral]
 Dynamique de la vaccination contre le Covid-19
 Dynamics of vaccination against Covid-19
 Publicado em *Confins*, 52 | 2021

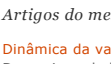
Editor científico

Patrícia Reuillard
 UFRGS

Tradutor

Elisa Spellet

Direitos de autor



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC-SA 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.